

30 - LINHARES FILHO

CADEIRA Nº 30
PATRONO: ROCHA LIMA

LINHARES FILHO

*José LINHARES FILHO, nascido em Lavras da Mangabeira, no dia 28 de fevereiro de 1939, é filho de José Gonçalves Linhares e de Maria da Conceição Esteves Linhares. Depois do curso primário, no Grupo Escolar de Lavras da Mangabeira, e do curso secundário no Seminário Diocesano São José, do Crato, no Colégio Lourenço Filho e no Liceu do Ceará, ingressou na Faculdade de Direito da UFC (de cujo Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua foi eleito orador), mas cursou até o terceiro ano, licenciando-se em Letras pela Faculdade de Letras da UFC. Fez Curso de Especialização em Métodos e Técnicas do Ensino, Curso de Aperfeiçoamento em Análise e Interpretação Literárias, ambos na UFC; Mestrado e Doutorado, respectivamente em 1979 e 1985, na Faculdade de Letras da UFRJ (área de Literatura Portuguesa). É Professor Titular de Literatura Portuguesa do Curso de Letras do Centro de Humanidades da UFC, lecionando na Graduação e no Mestrado (do qual tem ocupado o cargo de Coordenador), sendo que neste último também ministra cursos de Literatura Brasileira. Foi Coordenador da Casa de Cultura Portuguesa da UFC. Um dos membros do Grupo SIN de Literatura, é ainda sócio da Associação Brasileira de Literatura Comparada e Sócio Correspondente do Instituto Cultural do Vale Caririense. Editor da **Revista de Letras,** órgão do Curso de Letras da UFC, tem colaborado em inúmeros periódicos do Ceará, do Brasil e mesmo do Exterior, como, entre outros, **Aspectos e Clã,** de Fortaleza, **Literatura,** de Brasília, e **Colóquio / Letras,** de Lisboa. Pesquisador do antigo Instituto de Língua e Cultura Portuguesa, junto à Universidade Clássica de Lisboa, em 1987. Obras publicadas: **Sumos do Tempo** (1968), **Voz das Coisas** (1979), **Frutos da Noite de Trégua** (1983), **Tempo de Colheita** (1987) e **Andanças e Marinhagens** (1993), poesia; **A Metáfora do Mar no Dom Casmurro** (1978), **A "Outra Coisa" na Poesia de Fernando Pessoa** (1982) e **Ironia, Humor e***

Latência nas Memórias Póstumas *(1992), ensaio; e* ***Dois Discursos Acadêmicos*** *(1980), com Moreira Campos. Figura na* ***Sinantologia*** *(1968), bem como em outras coletâneas. É autor do Estudo Introdutório dos* ***10 Contos Escolhidos*** *(1981), de Moreira Campos, edição Horizonte/MEC, de Brasília. Entre os seus trabalhos críticos estampados em revistas, podemos destacar: "Amor e Misticismo em João de Deus", no nº 42 da* ***Revista da Academia Cearense de Letras*** *(1981), "O Maneirismo na Lírica de Camões", na mesma revista, nº 47 (1987-88), "O Lirismo em* ***Os Lusíadas****", na* ***Revista de Letras,*** *v. 3/4 (1980-81), "A Problemática do Ser em* ***Alegria Breve****", na mesma revista, v. 5 (1982), "O Místico e o Social no 'São Cristóvão', de Eça de Queirós", no v. 6 (1983); "Uma Leitura de* ***Plural de Nuvens****", em* ***Aspectos*** *nº 24 (1986); "Crônica das Raízes", em* ***Literatura*** *nº 4 (1993), além de "O Poético como Humanização em Miguel Torga", em* ***Colóquio/ Letras*** *nº 98 (1987), etc. Um de seus ensaios mereceu Menção Honrosa do Prêmio Esso — Jornal de Letras de 1966; conquistou ainda o Prêmio Estado do Ceará de Ensaio em 1986; Menção Especial do mesmo Prêmio no gênero Poesia, no mesmo ano; e o Prêmio Estado do Ceará de Poesia da Secretaria de Cultura do Ceará de 1987, com o livro* ***Tempo de Colheita.*** *É portador da Medalha Distinção Literária, da Primeira Semana Universitária de Lavras da Mangabeira — SULAM. Há transcrições de Comunicações suas em Atas de diversos Congressos nacionais e internacionais de Literatura Portuguesa. Sua poesia tem sido elogiada por nomes como Moreira Campos, Francisco Carvalho, Artur Eduardo Benevides e outros. Sânzio de Azevedo disse em artigo a propósito de um de seus livros: "Linhares Filho é um desses artistas verdadeiros, um poeta no sentido mais nobre do termo. A poesia se faz com palavras, já o lembrou Mallarmé, na anedota famosa, e Linhares Filho é dos que conhecem os sortilégios da linguagem, os segredos da arte de erguer universos com a constelação dos signos. Em suma, ele é poeta, senhor do verbo e do verso, pastor de metáforas e recriador do mundo..."*

A MINHA MÃE, HABITANTE DA MORTE

Tua branca rede já não se arma
para a sesta. Todavia guardo,
com o ranger longínquo dos armadores,
a placidez do teu sono
a entreter o meu sonho.
No teu aposento, mansa e invisível, dorme uma ave.
À mesa posta, entre o apetite e a lembrança,
há uma cadeira sem dono.
Falta ao alimento o tempero
que de tuas maos ninguém pôde aprender.
Mas junto a mim está um cântaro
que se encheu de lágrimas que libertam.
As dálias do jardim continuam a florescer,
cada ano, tão brancas, tão viçosas! Contudo
parecem reclamar a sutileza
de um carinho que o meu sono não esquece...
Teus pincéis dormem
com a resignação de pincéis.
Minha alma imperfeita, a despeito de teres sido
artista perfeita, pede, todo dia,
os últimos retoques.
Santa e elmo,
no navio em que eu encontrar borrasca,
os teus olhos serão santelmo...
No silêncio noturno não se ouvem mais
os passos cautelosos com que fechavas
a janela que dá para a rua,
no entanto percebo,
na lã escura da noite,
o abrigo do teu xale.

MOMENTO 6

Há mais que o simples ser em cada coisa.

Mesmo quando nada mais for,
tudo será em nós
e saberemos descobrir o verso oculto
até nos mais desprezados objetos.
Então, de toda a Poesia
se fará um só Poema.
Conosco todas as cousas serão chamadas
e cada uma responderá em nós,
porque todo minuto de cada espaço
está fixado no Eterno,
e há mais que o simples ser em cada coisa.

De *Sumos do Tempo* (1968).

SONETO SUPLICANTE

Dai-me o caminho certo do Absoluto
que com o meu sangue busco e com o meu grito.
Dai-me essências, odores de infinito,
aquilo que me falta e por que luto.

Dai o Absoluto às sombras do meu mito,
aos estertores do meu dia em luto,
ao desespero do meu olho enxuto
entre os desvãos da lógica em conflito.

Às minhas construções dai prumo e sorte,
do salitre interior livrando-as. Dai-me
escapar ao negror da eterna morte,

elevar-me do pó do contingente
e aos cimos ir do subterrâneo andaime,
tal como girassol que a luz pressente.

MOMENTO

Esses bois remoendo um sonho antigo,
essas pedras calando o meu segredo,
esse canavial gemendo o enredo
de um amor que não teve um doce abrigo.
Essas moitas chorando o meu degredo,
essa moenda lembrando o meu castigo,
essas flores a abrir cálice amigo
para um amor que feneceu tão cedo.

De *Voz das Coisas* (1979).

DOAÇÃO DOS CORPOS

Nas tuas ancas habitam
as vésperas do retorno.
Meu timão espera estios
para vogar no teu corpo.

No teu brando olhar habita
o roteiro dos meus passos.
Quando me inunda o teu cio,
navego-te em meus abraços.

Habita nos nossos corpos,
em tanto frêmito unidos,
a ressurreição dos mortos.

Habitam a mão de Deus
os nossos gestos cumpridos,
que já não são meus nem teus.

De *Frutos da Noite de Trégua* (1983).

NA VOLTA À TERRA CEARENSE

De revoada, marulhos e gorjeios,
de palma a farfalhar e vento brando,
de nuvem branca e voz de claros veios
e que se faz o teu carinho, quando,

cheio de uma ansiedade e todo enleios,
de minha longa ausência vou chegando.
Logo me entregas cálidos os seios,
e os meus pesares vão fugindo em bando.

És minha terra! Sinto os teus odores,
respiro o ar de rescaldo, o chão em brasa
piso, e te saboreio as vivas cores.

Conheces-me: há alvoroço pelas sebes,
nas árvores, no vôo de cada asa...
Aberta aos meus afagos me recebes!

PÉGASO

Eia, meu alazão, galope ousado
antes da escura noite! Nenhum medo,
nenhum, sobre o teu dorso disparado
por entre o matagal de esconso tredo.

Venceremos ciladas, e o bruxedo
calcaremos. Nenhum furor malvado
há de nos impedir de chegar cedo
à meta prometida no passado.

Enfrentando a agudeza dos espinhos,
inventaremos sempre outros caminhos,
não nos aquietaremos ao chegar.

E, quando, em confidência, formos indo,
e o chão faltar ao teu galope infindo,
decerto subiremos pelo ar...

O TRAJETO DA CANÇÃO

É noite e os galos vão cantar.
Um silencio espera o ato
que ficou pré-escrito desde sempre,
e há um alerta nas futuras trombetas
do Apocalipse.
Antes da decisão do poeta,
paira no ar uma tensão
entre a liberdade e o determinismo.
A vida exulta neste instante,
e a morte espreita do além.
Logo há de celebrar-se a vida e a morte,
pois é tempo de onírica colheita
e Deus vai comunicar ao homem
uma parcela do hálito que fez o Gênese.
Pela folhagem cresce um tremor de expectativa
à passagem da brisa que cicia.
Pelas cordas, teclados, metais dos instrumentos
corre um latente semitom à escuta,
como prestes a exprimir-se à ordem da batuta.
No pressentimento do poeta,
o seio da terra e o das mulheres
parecem disponíveis para a emoção
do ato fecundante
ou estão como se esperassem acolher
a glória de um nascituro.
Faz-se o Mistério de frêmitos e apelos ocultos
à espera da cantante ação
que há de embalar o mundo.
Os passos do poeta transpõem a soleira da porta
e, num segundo,
a mão acende a lâmpada, e ele se transporta
todo banhado em luminoso enleio.

Roça-lhe a face
o vento da eternidade.
Talvez mônadas se agltem com maior anseio,
e ressonos se interrompam inconscientes.
Talvez, subjacentes,
haja arrepio, ofego, êxtase e receio.
Talvez percorra o globo um repentino eflúvio.
Pássaros talvez acordem em seus ninhos,
a síndrome talvez se abale no seu curso,
e os arsenais das armas nucleares
abalem-se, talvez, por existir com fúria.
Feridas latejando apostemáticas
de modo mais intenso,
no corpo ou na alma de entes cancerosos,
oprimidos ou injustiçados,
talvez esperem um instante
por sua cura e tempos venturosos.
Vai ser dita a Verdade,
vai ser criado um mundo,
que pode mudar o mundo,
vai ser fundada nova face da Beleza.
Acorda a voz, o primeiro som, riscando
a fogo e nuvem o papel.
Das trevas todo em luz e só deleite e mel,
ou só denúncia e ardor, revôo e encanto,
surge aquele que é um teorema
para que o mundo se recrie e se complete:
— com a manhã, das mãos aflitas do poeta
nasce o Poema.

De *Tempo de Colheita* (1987).

PRESSENTIMENTO 2

Em noite, após o vendaval da morte,
ouvirás meu passo tardo
subindo pela escada, como quando

me leva sonolento para a sesta
ou quebrantado chego de viagem,
ou tonto, de alguma festa.
Nada, porém, verás se aproximando.

Suporás o meu vulto debruçar-se
da varanda do solário
qual velho comandante se debruça,
numa noite de lua, da amurada
oscilante do navio.
Mas só acharás o vento, que soluça,
vindo casar-se ao teu frio.

Acordarás sem susto, pressentindo
o meu hálito quente, a procurar
tua boca para o beijo
do convite, como ontem te acordava
e ainda hoje te acorda minha febre.
Mas tudo um sonho ou o adejo
das tuas ilusões na noite cava.

De *Andanças e Marinhagens* (1993).